

# Passagens entre Filosofia e Literatura na reflexão de Franklin Leopoldo e Silva: tempo, realidade e enigma

**Alex de Campos Moura**

USP

## **RESUMO**

Nesta apresentação, breve homenagem ao professor Franklin Leopoldo e Silva, nossa proposta é investigar o modo pelo qual o autor compreende a relação entre literatura e filosofia, sobretudo a partir de certa aproximação proposta por ele entre a obra de Proust e o pensamento de Bergson. Para essa discussão, nos apoiamos aqui especialmente em seu ensaio *Bergson, Proust: tensões do tempo*.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Filosofia; literatura; temporalidade; Bergson; Proust.

## **ABSTRACT**

In this presentation, a brief tribute to Professor Franklin Leopoldo e Silva, our proposal is to investigate the way in which the author understands the relationship between literature and philosophy, especially based on a certain approximation proposed by him between Proust's work and Bergson's thought. For this discussion, we rely here especially on his essay *Bergson, Proust: tensions of time*.

## **KEY WORDS**

Philosophy; Literature; Temporality; Bergson; Proust.

## Introdução

Ao dar início a essa apresentação, é imprescindível começar por um agradecimento e um breve comentário sobre o professor Franklin Leopoldo e Silva, filósofo e professor cuja obra é tema do presente Encontro. Muito se tem dito sobre a grandeza, a originalidade e a incontornável relevância de seu trabalho no cenário filosófico brasileiro. Fazendo eco a essas exposições, gostaria de ressaltar de modo sucinto uma dentre essas características, praticamente unânime em todos os comentários sobre o professor: a generosidade.

Em *O que é a Literatura*, após uma longa descrição a respeito do lugar e da tarefa do escritor e do leitor na experiência literária (Sartre, 1948, p. 50 e segs.), bem como da dificuldade inerente ao encontro entre duas liberdades que permanecem inteiras em sua capacidade de criar e compreender, Sartre nos propõe uma formulação bastante surpreendente, responsável pela possibilidade de um encontro efetivo entre dois sujeitos livres: a noção de generosidade. É necessário, afirma ele, que entre o escritor e o leitor se estabeleça uma espécie de “pacto”, um compromisso em que ambos cedam reconhecimento ao outro, notadamente à liberdade do outro; de modo que cada um, sem abdicar de sua completa liberdade – o que de fato seria impossível – dê ao outro anuência à sua existência livre.

A ideia de um “pacto de generosidade” repercute com força quando se trata de descrever – e homenagear – o professor Franklin Leopoldo e Silva. Docente dessa casa por mais de quatro décadas, sua trajetória foi marcada não apenas por um trabalho intelectual brilhante, mas por um exercício igualmente notável de formação, comprometimento com a reflexão, com o ensino e com a transmissão – com a generosidade, enfim, que nutre a grandeza de um professor e de um filósofo cujo legado se lê não apenas na obra, mas no eco que reverbera em todos aqueles que tiveram a oportunidade de com ele conviver. Uma doação e um compromisso cujas palavras permanecem incapazes de mensurar e de fazer jus, e que revelam na obra e no exemplo a grandeza daqueles que se dedicam por completo ao seu ofício, e que, mais que criar, fomentam no outro sua própria capacidade de criação.

Entremos, então, em nossa questão conceitual, tema da presente apresentação, e investiguemos o modo pelo qual a relação entre literatura e filosofia é descrita e compreendida por Franklin, a partir sobretudo de certa aproximação entre a obra de Proust e o pensamento de Bergson. Para essa discussão, nos apoiaremos aqui especialmente em seu ensaio *Bergson, Proust: tensões do tempo*, no qual o autor propõe, de modo preciso, o núcleo da questão:

Literatura e filosofia habitam regiões muito distantes uma da outra. Interessante, nesse caso, é que a distância que separa é a mesma que aproxima. Assim sendo, se não se deve, de um lado, ceder a paralelismos – mesmo os mais

evidentes – ou flagrar na narrativa qualquer tipo de hipótese filosófica, pode-se, por outro, encontrar, no núcleo mais íntimo da trama romanesca, o impulso de desvendamento da realidade, obsessão de quem procura ir além do conjunto de significações que o cotidiano naturalizou (Leopoldo e Silva, 1992, p. 141).

Literatura e filosofia são distintas, ocupam regiões diversas, mas essa distância é precisamente aquilo que as aproxima, o que torna possível a explicitação de seu eixo comum. Recorrendo a uma expressão de Merleau-Ponty, a distância é o que revela o “parentesco”, desvelando o solo partilhado por ambas. É ela, então, o caminho a ser percorrido na tarefa de descrição do que há de comum entre literatura e filosofia.

O eixo central dessa aproximação recebe, já na passagem citada, uma designação precisa: o “impulso de desvelamento da realidade”, compreendido enquanto explicitação da camada subterrânea que permanece por sob a falsa naturalização imposta pela cotidianidade – a “obsessão” de ir além das significações naturalizadas pelo cotidiano. Desvendar a realidade, antes de mais nada, é ultrapassar o conjunto sedimentado de significações, devolvendo-lhes um sentido “outro”. Temos, assim, a tese central proposta no ensaio e seu desdobramento em duas premissas principais: o movimento comum de desvendamento da realidade, por um lado; e a compreensão desse movimento como ultrapassamento do que se naturalizou no cotidiano, por outro. A realidade permanece velada por sob a dimensão cristalizada pela experiência cotidiana, cabendo à arte e à filosofia reencontrá-la em seu sentido autêntico.

Como se poderá notar ao longo de toda nossa discussão, e especialmente nesse trecho, é difícil não reconhecer os ecos e as confluências do pensamento adornoiano com as reflexões de Franklin – questão que, aqui, não será tematizada diretamente, mas que se manterá como “pano de fundo” de nossas análises<sup>1</sup>. Apenas como referência, lembremos, em particular, um dos ensaios presentes no *Notas de Literatura*, em que Adorno defende posições de notável similitude com aquelas aqui em tela.

Feito esse breve parênteses, recoloquemos o problema do “desvendamento” do real como trabalho de desocultação daquilo que se sedimentou em aparente natureza: a manifestação de sua verdade exige o desinvestimento da experiência de suas camadas cristalizadas, revelando-lhes o núcleo não dissimulado. E é aí que literatura e filosofia se encontram: como momentos ou expressões dessa *aparição* da verdade

---

<sup>1</sup> Dado o espaço e a proposta da presente apresentação, não nos ocuparemos aqui diretamente dessa questão. São notáveis, contudo, os pontos de similitude e convergência entre as proposições dos dois autores, descortinando um denso campo de investigação. Dedicaremos um outro estudo a esse tema.

da realidade. Desvelamento do ser real e verdadeiro. E se, no percurso de sua realização, elas se afastam no modo de fazê-lo, será reconhecendo e percorrendo essa distância que poderemos reencontrar seu princípio comum e sua matriz única.

## Desenvolvimento

No decorrer dessa apresentação, nos concentraremos especialmente em um eixo central proposto pelo autor na discussão sobre o tema, em sua explicitação do “parentesco” intrínseco existente entre filosofia e literatura: a questão do Tempo e seu sentido para a compreensão do real e da verdade.

O ensaio, de impressionante densidade conceitual, coloca alguns dos grandes temas que atravessam a reflexão do professor Franklin: a relação entre filosofia e literatura, a questão da palavra, o desvelamento do real e seu sentido, o tema do engajamento e do realismo, o problema do imaginário, a questão das artes e da expressão<sup>2</sup>, entre outros. Coloca, ao mesmo tempo, dois de seus grandes interlocutores, dos quais extrai grande parte dos eixos de sua reflexão: Bergson e Proust.

Ao redor de todos esses temas, desponta, “onipresente” e inacessível, simultaneamente horizonte e núcleo, a questão central do ensaio e – em larga medida – de suas investigações: o Tempo, figura basilar em torno da qual Bergson e Proust se movem; e, como veremos, também a aproximação entre literatura e filosofia. É o Tempo, arriscamos afirmar, o solo sobre o qual a tese proposta por Franklin se apoia, sustentando as aproximações entre dois de seus grandes temas e dois de seus grandes autores de referência – e, nessa medida, também de seu próprio itinerário intelectual e filosófico.

Vejam como isso se dá. Há, ao longo de toda a história da filosofia, desde Platão, a suspeita sobre a percepção como acesso ao real (*Ibid.*, p. 143). Trata-se do entendimento de uma espécie de descompasso, lacuna ou distância, entre *o que é* e *o que percebemos*, entre o real e nossa apreensão dele. É dessa desconfiança em relação à percepção que nasce a Metafísica, desde Platão e Aristóteles, e é ela que se acentua na dúvida cartesiana e na obsessiva busca moderna por um fundamento seguro – o conhecimento e a razão. A distância entre percepção e realidade, mostra Franklin, teria sido preenchida ou “reparada” de diferentes modos ao longo da tradição filosófica – as ideias platônicas, a substância aristotélica, a identidade da es-

---

<sup>2</sup> Todos estes temas, de algum modo, também vinculados ao pensamento sartreano. Dado o recorte proposto, não nos ocuparemos aqui diretamente da influência e centralidade de Sartre na obra do professor Franklin, mas é importante notar sua presença constante, como os pontos acima destacados explicitam de maneira inequívoca.

sência em Descartes, por exemplo. Decisões filosóficas encarregadas de prover o instrumental necessário para aceder à realidade “nela mesma”, em sua substancialidade, “corrigindo” a percepção naquilo que ela permanecia incapaz de compreender.

Ao acompanhar esse itinerário do pensamento filosófico clássico, Franklin nos mostra que, de uma direção à outra, a filosofia escolheu como índice da realidade – como índice de sua verdade, substrato do real – a imobilidade e a imutabilidade: ou seja, escolheu a identidade e a fixidez, a substância como parâmetro último. Assim compreendida, a realidade (conhecida, mas não percebida) escapa aos nossos sentidos justamente por ser imóvel, absoluta e fixa. O real é o substrato fixo, e o que permanece é o estático. Dimensão à qual a inconstância dos sentidos não pode aceder.

Estaria aí, então, o ponto crucial da “virada” que encontraríamos em Bergson<sup>3</sup> – e que marcará, como sabemos, toda a obra do professor Franklin. A “inversão” de reconhecer como substrato do real a própria temporalidade. Cito três breves trechos:

No entanto, tudo isso se modificaria inteiramente se partíssemos da hipótese de que o que a realidade tem de substancial é a sua mobilidade e a sua temporalidade.

[...] Mas o que se dá *entre* os pontos e as posições, o *processo* pelo qual o objeto se move e muda, transformando-se no seu evoluir temporal, isto não percebemos, e são essas, para Bergson, as características mais profundas da realidade.

[...] O ser, o que verdadeiramente existe, são mobilidade e mudança, ou seja, temporalidade, e não objetos que permanecem. Dito paradoxalmente: o ser é devir, isto é, contínuo fluxo temporal, que apenas acidental e artificialmente pode ser visto como ponto imóvel ou posição fixa no tempo (*Ibid.*, p. 143-144).

Se, no decorrer da história da Filosofia, o pensamento optou por adotar como fundamento da realidade a fixidez e a identidade, permanece possível – e mesmo necessário – outra possibilidade de entendimento: a compreensão, tão fortemente defendida por Bergson, de que a “essência” ou o substrato do real é o próprio Tempo. O que significa, precisamente, a mudança e o movimento, a transitividade e o devir. O núcleo do real, agora, é sua permanente transformação, o fluxo e a passagem.

Apoiando-nos, novamente, em uma expressão merleau-pontyana, frente à ontologia do objeto<sup>4</sup> (em suas múltiplas formas históricas, acentuando o fixo e o pontual em detrimento do movimento e do processo), trata-se de compreender o ser como

<sup>3</sup> O tema é amplamente trabalhado por Franklin em sua vastíssima obra sobre Bergson, marco e referência fundamentais para todo o campo de estudos bergsonianos no país.

<sup>4</sup> Recorremos aqui, especialmente, à terminologia e à compreensão propostas por Merleau-Ponty, que permanecem horizonte constante nas formulações em tela.

de vir, contínuo fluxo temporal<sup>5</sup> – e, portanto, não como objeto, mas como duração. Nesse sentido, Bergson concordaria com a Tradição: há uma insuficiência da percepção em sua tentativa de apreender o real; mas não de toda ela, e o “erro das filosofias” teria sido justamente o de abandonar a totalidade da percepção como acesso ao real, e buscar-lhe vias de acesso que a ignoram. A proposta bergsoniana não seria a obliteração da operação perceptiva, mas, nas palavras de Franklin, exatamente o inverso: seu alargamento e aprofundamento.

Há a percepção cotidiana, que é essencialmente prática; ela recorta as coisas conforme aquilo que lhe interessa e lhe é pertinente. Uma percepção, portanto, pragmática, cujo sentido é a ação. Mas esse não é o único modo – e nem o principal – de perceber. Esse o ponto central na reformulação pretendida, e que recoloca o lugar da obra de arte e da percepção do artista. Cito:

A originalidade do artista e aquilo que vimos ser o caráter inesperado e insuspeitado da arte derivam da peculiar percepção do artista. Aí está pois a percepção alargada e aprofundada: nós temos acesso não a ela mesma, mas àquilo que ela produz. A arte enquanto produto é uma realidade, a arte enquanto gênese desse produto é um enigma (*Ibid.*, p. 145).

Há, portanto, uma outra modalidade da percepção – e, com ela, de acesso ao real – que não aquela direcionada por atos pragmáticos: a percepção artística. Tese fundamental na argumentação de Franklin, que lhe permitirá explicitar o modo pelo qual o procedimento artístico elucida a intersecção, aqui buscada, entre filosofia e literatura. É como percepção alargada – desinvestimento do mundo cotidiano – que a arte se aproxima da filosofia. Não, portanto, como conhecimento racional, mas como saber, percepção mais profunda e mais *sensível* (*Ibid.*). É compreendendo-a, defende Franklin, que reencontraremos o ponto de encontro entre ambas.

A percepção do mundo pelo artista traz uma dimensão insuspeita e inesperada do real; ela tem a propriedade de manifestar de forma livre o *novo*, aquilo que escapa à determinidade e à previsibilidade.<sup>6</sup> A percepção cotidiana, enquanto pragmática e dirigida, mantém-se sempre tensionada, “recortada” pela tensão que se estabelece

---

<sup>5</sup> Tese que reencontra, indiretamente, grandes temas da discussão fenomenológica do século XX (um dos eixos principais do trabalho filosófico de Franklin), bem como o impacto que a obra de Bergson implica nessa temática mais geral – conforme, em especial, o clássico livro de Bento Prado Junior *Presença e Campo Transcendental*.

<sup>6</sup> Nesse ponto, cabe um brevíssimo parêntese: as proposições de Franklin reencontram, de maneira surpreendentemente próxima, pontos importantes da reflexão de Hannah Arendt. Pensamos, aqui, especialmente em suas noções de imprevisível e improvável, precisamente como as características que descrevem a irrupção do novo no mundo – aquilo que Arendt define como liberdade. Ao mesmo tempo, contudo, elas revelam também a sólida distância entre os dois autores, pois, para Arendt, não é a obra e nem o artista, mas sim o agente (a ação política), o lugar dessa aparição. Sobre esse tema ver, especialmente, *A Condição Humana* (Arendt, 1987, pp. 242 e segs.).

em vista de um fim, de uma ação prática. A percepção artística opera de modo inverso. Nas palavras de Franklin, ela é o “relaxamento dessa tensão”, descontração, distração e distensão (*Ibid.*, p. 146). Em termos bergsonianos, ela é *desatenção*, e por isso capaz de perceber mais e mais profundamente:

A percepção alargada e aprofundada, de que falávamos havia pouco, consiste nesta indeterminação do foco de atenção, graças à qual o artista percebe e revela os aspectos insuspeitados e inesperados do real [...]. E essa medida é aquela em que o único procedimento de que dispomos para alargar e aprofundar a percepção é a própria imaginação (*Ibid.*).

Outro passo decisivo – e original – é dado: a percepção artística, na medida em que distensionada a atenção e abre-se àquilo que permanece latente no real, não se distingue da imaginação. Mais precisamente, ela própria é imaginativa: perceber, em larga medida, é imaginar<sup>7</sup>. Desse modo, a clássica distinção entre elas, por vezes assumidas como faculdades distintas, perde sua validade e a clara delimitação de suas fronteiras. A desatenção da percepção é um momento imaginativo e, por isso mesmo, mais próximo da verdade do real. Ela nos abre àquilo que escapa à cotidianidade e, retomando a linha seguida até aqui, da fixidez, de suas determinações estanques – da imutabilidade do “dado”. Isto é, a percepção imaginativa abre-se à mudança, à transição e ao movimento. Em uma palavra: ao Tempo.

E o que o real tem de mais íntimo e de mais essencial é aquilo que para nós é o mais fugidio, evanescente e imperceptível: o Tempo. A realidade de direito percebida está na dimensão da invisibilidade. A essência da realidade é imperceptível não porque a transcenda, mas porque está profundamente arraigada no seu interior. Por isso, a visão da interioridade é inabitual e extraordinária. [...] A luta pela expressão é o esforço de fixar esse movimento absoluto do tempo; e é um esforço da imaginação, que, portanto, é órgão de conhecimento, de acesso mais profundo e mais direto à realidade (*Ibid.*, p. 147).

Reunindo os diferentes eixos mobilizados ao longo da discussão, o que há de essencial no real, seu substrato, é aquilo que nos aparece como o mais efêmero e transitivo: o Tempo – mudança e duração. O percebido não é *visível* – eco notável da reflexão de Merleau-Ponty<sup>8</sup> –, mas abertura à invisibilidade operante no devir. Perceber é abrir(se) ao invisível que estrutura o real<sup>9</sup>; em termos bergsonianos, desvelar o invisível como temporalidade última. Razão pela qual cabe à imaginação (ou

<sup>7</sup> Questão clássica na Fenomenologia e, em particular, na obra de Sartre.

<sup>8</sup> Pensamos, aqui, em sua filosofia como um todo – largamente tematizada e discutida por Franklin – e, em especial, nas formulações presentes em seus últimos textos, notadamente em *O Visível e o Invisível*.

<sup>9</sup> Descrição proposta por nós, aqui, em termos acentuadamente merleau-pontyanos.

à percepção imaginante) fazê-lo e desvelá-lo, pois ela se ocupa precisamente daquilo que se oferece como ausência (*Ibid.*); passagem e devir. A imaginação não trata do presente ou da presença, mas do virtual e do invisível – enfim, da duração.

A arte é a descrição da realidade do ponto de vista da duração [...]. E assim o mundo, a realidade, é o referencial indeterminado dos mundos que se originam da criação artística. Porque a pluralidade dos mundos que nascem da criação se identificam na função *reveladora* da verdade que a obra de arte nos dá a perceber (*Ibid.*, p. 148).

Tomando distância em relação ao modelo da representação, a realidade aparece como horizonte – referencial indeterminado – *originado* e *revelado* pela criação artística. Retornando à ideia do paradoxo, criação e revelação se entrecruzam: a primeira como explicitação do processo que lhe subjaz, por ela testemunhado e realizado. A arte cria ao desvelar o Tempo, *temporalizando* o real e sua verdade. Nesse paradoxal “encontro da consciência com a temporalidade”, da percepção artística com o devir, assume centralidade o lugar da narrativa. Referindo-se a uma passagem notável de Paul Ricoeur, Franklin propõe que “a experiência do tempo é [ela mesma] ficcional” (*Ibid.*, p. 149). Quer dizer, a ficção não é mais um elemento subjetivo sobreposto à realidade, mas *o próprio modo de aparição e doação* do tempo, núcleo do real que distensiona a percepção, abrindo-a à duração em seu caráter mais fundamental.

Se o núcleo da realidade é o Tempo, aproximar-se dela não diz respeito mais à representação de um objeto, mas à descrição de um movimento – um fluxo –, fazendo aparecer o transformar-se nele mesmo; pede-se, pois, uma narrativa, um relato, uma história, uma construção ela própria temporal e sujeita ao tempo.

Nessa compreensão profundamente original, a narrativa oblitera o tênue limite entre real e imaginário, entre realidade e ficção, apoiando-se em uma sensibilidade alargada e imaginativa. Ela suspende o tempo cronológico – tempo objetivo (tempo-objeto e tempo do objeto) –, e faz aparecer a própria passagem, a dissolução que lhe sustenta: duração figurada para além da cronologia. O imaginário, agora, é expressão da transitividade e da duração que nele se mostram – e que mais que conhecidas por ele, são *sentidas, percebidas* em uma experiência artística:

A enunciação cronológica, orientada pelo futuro como toda cronologia, é entrecortada pela reflexividade narrativa que confere ao vivido a significação temporal profunda.

[...] As personagens não sabem que são marionetes do tempo; em cada momento da transitoriedade, elas vivem como se o Eu ali se afirmasse definitivamente, com uma identidade inabalável, com a auto-suficiência própria dos que ignoram a temporalidade, sem suspeitar que há um trabalho interno da

duração que, paradoxalmente, torna efêmeras todas as coisas, pois só o que dura é o próprio tempo (*Ibid.*, p. 149-150).

## Conclusão

Caminhando, então, em direção à nossa conclusão, e também à do ensaio, gostaria de chamar particular atenção a essa compreensão de um “trabalho interno da duração”, que tem como resultado a efemeridade de todas as coisas, aquilo que se esvai. O trabalho interno do tempo é a dissolução constante que faz durar apenas seu próprio vir a ser. Nesse sentido, o Tempo narrado não é um tempo subjetivo e nem um tempo forjado (no sentido do artifício), mas um Tempo real – ou a verdade desse real, já que ele é aquilo que se mostra como fonte e substrato em uma realidade que não é senão passagem e dissolução. Em uma palavra: a verdade da realidade do tempo é a dissolução. O Tempo narrado é duração, sua expressão autêntica, que vem à luz na experiência fugidia e passageira de uma consciência atravessada pela temporalidade, que a ela sustenta e nela se inscreve.

E é aí que figura a grandeza incontestada da obra de Proust, referência basilar ao longo de toda a obra do professor Franklin. A busca e a redescoberta do Tempo não é a representação literária do tempo vivido, mas a revelação da essência temporal da realidade, sua verdade. A narrativa reencontra a “presença imemorial” de um Tempo originário, duração que atravessa a obra, a vida e a história. Ela não representa, não explica ou fixa, mas partilha da duração em seu sentido originário, refazendo-a em si mesma. Encontra-se aí a afinidade fundamental entre a narrativa romanesca e a realidade; entre a expressão própria à literatura e o núcleo da realidade que cabe a ela – e também à filosofia – desvelar.

Esse, a nosso ver, o cerne da proposta da reflexão do professor Franklin: a redescoberta do Tempo como substrato e matriz em torno dos quais filosofia e literatura se aproximam em seu incansável esforço de decifração – e expressão – da verdade do real. Sua essência é a temporalidade, invisível ausente, irremediavelmente “presente” em toda criação. É sobre ela, sobre essa “dobra”, que tanto a filosofia quanto a literatura devem se debruçar se pretendem – ou se ainda pretendem – dizer a verdade, busca imersa nos paradoxos da expressão.

Nesse sentido, me parece, o estudo do professor Franklin nos deixa um convite, talvez mesmo um apelo, sobre a necessidade de compreender, sob esse prisma revelado pela literatura, o modo pelo qual o mesmo processo se dá, de forma distinta, na Filosofia, reconhecendo a experiência do invisível e da duração como fundamento último do trabalho filosófico, desvelamento do Tempo e de sua verdade.

Enfim, nessa breve apresentação, nossa proposta foi retratar *caminhos e horizontes abertos* pelo pensamento do professor Franklin, e assim mostrar o modo pelo qual ele nos conduz a essa quase “presença” da duração, substrato irredutível que se deixa perceber em cada obra e cada criação. O que aproxima, enfim, filosofia e literatura é a tarefa inesgotável de desvelamento e recriação do Tempo, verdade do real. Essa, me parece, uma das grandes questões que atravessa o itinerário intelectual do professor e filósofo Franklin Leopoldo e Silva: revelar a essência última da realidade, confrontando a temporalidade em toda sua lucidez e inescapabilidade. A coragem de olhar o Tempo, a um só tempo como quem o revela e o recria, trabalho de enfrentamento filosófico do devir e da duração, do qual sua obra permanece testemunho e legado ímpares.

### **Bibliografia**

- Adorno, T. (2012). *Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34.
- Arendt, H. (1987). *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Leopoldo e Silva, F. (1992) “Bergson, Proust. Tensões do Tempo”. In: Novaes, Adauto (org.), *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *Le Visible et le Invisible*. Paris: Gallimard.
- Prado Júnior, B. (1989). *Presença e Campo Transcendental*. São Paulo: Edusp.
- Sartre, J.-P. (1948). *Qu'est-ce que la littérature*. Paris: Gallimard.